

Accenture & Fork Podcast - Ep.01 - Os jovens buscam a #EconomiaVerde

Seja bem-vindo a mais um Fork Podcast! Hoje é um Fork especial, nós estamos fazendo em parceria com a Accenture, então estamos fazendo o streaming direto para o LinkedIn, depois isso vai para as nossas redes, também no YouTube, Spotify e tudo mais.

Hoje eu tô aqui com dois convidados especiais, Matthew Govier diretor executivo da Accenture Strategy & Consulting no Brasil e o Carlos Fan diretor executivo da Accenture Strategy & Consulting na América Latina.

Muito do que a gente vai falar aqui hoje é em cima de uma pesquisa que vocês fizeram na Accenture, mas eu queria entender o que motivou a empresa a fazer uma pesquisa sobre Economia Verde? Qual era o objetivo do estudo?

Então, Cava, a gente tem feito muitos estudos em torno do assunto de sustentabilidade, ESG, economia verde, então é mais um. Esse especificamente a gente queria olhar o assunto de empregos, em especial geração de empregos para jovens. Porque a gente está falando de um assunto que está crescendo muito nos próximos 10, 20 anos, vai crescer muito, mas tem muita gente olhando o mercado o “mercado verde” e interessado em saber como é que ele se desenvolve, como é que ele aprende para no futuro estar bem posicionado para estar nesse mercado.

Então, acho que esse é um dado. Outro fator, que para nós é um incentivo para fazer um estudo desses, é que nossos clientes precisam atrair talentos, precisam atrair gente para trabalhar nas empresas e que tenham um conhecimento também, um interesse, uma paixão por essa área, porque tem muito valor a ser gerado nessa área no futuro, então as empresas estão precisando desses talentos.

Adicionalmente, o tema ‘jovens’, e com toda essa pandemia, a atração por talento e ter os melhores profissionais, os mais engajados, é fundamental para o crescimento dos nossos clientes, então acho que aqui a gente tem dois grandes públicos, falar muito com as empresas e ao mesmo tempo com a sociedade em geral e dar uma perspectiva uma visão para os jovens desses temas que estão tão em alta.

Eu tenho uma dificuldade hoje que as nomenclaturas todas têm perdido muito o sentido. Eu queria que vocês explicassem um pouquinho qual o conceito quando falamos de “conomia Verde?

Esse tema não é novo, então acho que fazem 14, 15 anos que a ONU vem trabalhando e vem disseminando isso com duas grandes preocupações. A primeira preocupação é a questão do equilibrar o desenvolvimento social, o desenvolvimento das economias. Com toda essa preocupação do tema de sustentabilidade, toda essa questão de carbono, então acho que é o



equilíbrio desses dois temas: o crescimento e as preocupações com o meio ambiente e com toda a natureza.

O mundo tem que migrar por uma economia seja sustentável, hoje a gente tem um mundo onde a gente está consumindo mais recursos naturais, matéria-prima, carbono e oxigênio mais do que a gente poderia e a gente não tem como sustentar isso no longuíssimo prazo, então gente precisa mudar algumas práticas, alguns comportamentos para que isso seja sustentável. Para fazer essa mudança a sociedade tem que fazer como um todo, e isso inclui também os negócios. Então a economia verde é esse lado dos negócios relacionados à agenda sustentável.

E acho que tem dois lados: transformar os negócios que já existem hoje e o outro é criar negócios novos na Economia Verde. Esses dois lados têm geração de emprego, geração de valor para o acionista, tem mudanças que estão acontecendo na sociedade, então esses dois lados tem bastante impacto para os nossos clientes, para para para empresas como um todo.

Eu acho que cada vez mais a preocupação não é o lucro, o aumento de receita e de faturamento a qualquer custo, então como conseguir fazer esse equilíbrio e poder ser correto com a natureza e poder devolver parte disso também para a sociedade.

Agora porque o recorte com os jovens? Você acha que tem muito a questão da dificuldade de achar profissionais qualificados ou não?

Tem isso também, o desemprego entre jovens é muito mais alto - duas a três vezes maior do que o desemprego geral - então acho que esse é um fator que nos preocupa também como um negócio, nós estamos fazendo isso aqui também pelo componente sustentável porque a gente quer ter um impacto positivo na sociedade e também é parte do motivador de fazer esse estudo.

Então, a gente quer ajudar quem tem interesse também em entrar nesse mercado. Outro fator é que esse é um tema onde os investimentos ainda são pequenos frente o que a gente espera que serão nos próximos 10, 20, 30 anos.

Para a gente fazer a transformação necessária para o futuro, especialmente o tema mais falado é de mudanças climáticas, mas pegando o exemplo de fazer a mudança até 2050 que realmente vão reduzir as emissões, a quantidade de trabalho é brutal que tem que acontecer de transformação de negócios. Mudar tecnologias, formas como as empresas trabalham, mudar comportamentos do consumidor.

A gente compra produtos hoje com embalagem e ela é simplesmente descartada, isso é sustentável a longo prazo? Provavelmente não.

Acrescentando aqui ao que o Matthew comentou, o jovem é o futuro. É o futuro do ponto de vista de emprego, de geração de valor e de renda pra sociedade e principalmente para o consumo, para o dia a dia, então é fundamental a gente começar a ter esse olhar pro jovem.

Agora indo um pouco além dessa questão do jovem, ele para tomar a decisão para uma empresa A ou B tem uma série de decisão de fatores que ele utiliza. Os mais óbvios são: salário, localização da empresa, oportunidades de carreira. O jovem atual pensa "eu quero um bom salário, uma boa oportunidade de carreira e uma empresa que tenha um propósito correto, valores e preocupações com o futuro, com a sustentabilidade. Então isso faz com que



o “caldeirão” pra tomar de decisão pro jovem seja importante e para os nossos clientes terem essa mesma ótica.

Quando a gente fala de uma parte desse grupo, da geração que não está nem trabalhando nem estudando, acho que vale a pena a gente falar depois disso, de qual o caminho que esses jovens podem seguir na economia verde. Agora, tem uma parte dos empregos que não estão sendo preenchidos hoje que mesmo esse jovem querendo tudo, as empresas vão ter que dar uma boa parte disso para que eles não escolham outras empresas. A situação hoje é mais delicada, né? Como você conquista esse jovem para empregos qualificados?

Especialmente aquelas coisas que são relacionadas às questões sociais do emprego, todo mundo quer trabalhar em uma empresa que seja inclusiva, diversa, que tenha práticas absolutamente inquestionáveis e éticas. Os consumidores não querem comprar de empresas que não são responsáveis e obviamente um jovem não quer trabalhar para essa empresa. Então sim, as empresas vão ter que entregar. Uma das coisas que saiu na pesquisa é a questão do salário, e conseguir entregar o salário que o jovem quer é uma questão também de mercado. Todo mundo quer ganhar mais do que ganha, então a gente vai conseguir entregar o salário desejado? É difícil dizer, acho que não, você sempre vai estar um pouco atrás.

É normal, é natural, todos nós queremos um salário maior, mas no final das contas tem uma questão de oferta e demanda que rege esse tema.

Matthew, mas talvez aí vem realmente a importância desse lado verde, nós temos hoje, principalmente no segmento de tecnologia, muita gente concorrendo com “gringos”, tem uma empresa aqui no Brasil que concorre com uma empresa nos Estados Unidos ou na Europa que paga o salário em euro ou em dólar, então mesmo que você pague um ótimo salário, é muito difícil competir com esses valores, e aí você ter o outro lado mais forte pode de alguma maneira ajudar a equalizar essa história, não?

Equalizar em que sentido? Você ter um lado mais alto desses intangíveis, talvez? Então acho que sim, de uma certa forma algumas dessas propostas de emprego que trazem esse lado intangível compensam sim na questão do salário. No final das contas, a boa notícia é que essa economia verde existe e gera valor, você tem novos produtos e serviços verdes.

Quais são os exemplos?

Na Europa você pode comprar energia elétrica verde, certo? No Brasil a nossa energia é verde há muito tempo. Você pode comprar uma embalagem que é reciclável, você pode usar energia solar. Essa economia verde tem novas receitas desses novos produtos, tem potencialmente redução de custos, você pode ser mais eficiente no uso de recursos, reutilizando-os, você tem o lado reputacional e tem o lado redução de risco quando você trabalha com sustentabilidade. Então, você tem novos negócios, tem um conjunto de temas que geram valor e lucro. Isso traz dinheiro para pagar os salários.

O que você está me dizendo são talvez os benefícios ou as formas de como a gente começa, dentro de uma empresa tradicional, colocar essa economia verde para rodar. Agora, se a gente for pensar a longo prazo, essas empresas vão ser obrigadas a fazer isso, não tem mais volta.

Sem dúvida elas serão obrigadas por vários motivos. Primeiro: o consumidor está exigindo, o consumidor vai parar de comprar um produto que ele acha que não é sustentável. Depois, tem regulação. Há duas, três semanas atrás teve inclusive decreto novo, regulação no mercado de carbono, e a tendência é ter mais, existem projetos de leis no pipeline que vão sair. E você tem



a pressão de investidores que só colocam dinheiro em empresas que têm índices específicos de ESG. Essas pressões todas vão fazer que seja muito difícil não respeitar temas de ESG.

Quando o Matthew comenta essa questão de negócios verdes, toda essa geração de valor, o que está nos bastidores são trabalhos mais verdes, então quando falamos de green jobs – energia solar por exemplo, tem toda uma cadeia produtiva do painel, da instalação, de fazer as conexões e ter uma nova linha de trabalho para esses profissionais. A gente comentou da questão do eólico, da matriz energética e é a mesma coisa, com todo um parque fabril para fazer tudo isso. E só para pegar um terceiro exemplo, onde o Brasil se destaca de uma maneira importante na questão do etanol, do combustível com base em cana, cada vez mais a tecnologia vem avançado, todo o trabalho do cientista usando o entendimento da molécula, a gente consegue gerar e ter uma economia e trabalhos por trás com o etanol que a gente chama de “segunda geração”, através da celulose. Não é só a cana e tudo o mais, então acho que quando a gente olha essa valor por trás tem ‘n’ empregos para fazer e sustentar esse novo motor da economia verde.

Vocês estão ajudando um monte de empresas gigantescas a fazerem essa transição, e na Accenture, como está isso?

Excelente pergunta, isso é um tema que quando Framil, nosso CEO, me convidou para liderar esse assunto de sustentabilidade, ele disse: “não adianta só liderar para fora, tem que liderar para dentro também”, então têm várias ações que a Accenture faz de impacto social para ajudar nesse lado de geração de emprego. Na verdade, a nossa causa de impacto social voluntária, que já existe há 12, 13 anos e chamamos de “Skills to succeed”, é um programa de geração de emprego e renda que é essencialmente ajudar pessoas a conseguirem um emprego.

Então, isso já existe há muito tempo e sempre que possível tentamos fazer isso com o aspecto mais verde possível há algum tempo. Outro aspecto, tornando mais abrangente esse tema, é impossível você separar o lado social e o lado ambiental quando se fala de sustentabilidade, todo o lado de inclusão e diversidade para nós é importantíssimo, nós temos metas globais de igualdade de gênero, uma série de metas de igualdade e inclusão de outros tipos, que a gente tem planos para atingir e a nossa liderança tem metas para isso.

A grande verdade é que, na grande maioria das empresas, se isso não influencia no bônus, é só discurso.

Exato, e aí eu acho que nada melhor que, não somente o discurso, mas todos poderem participar também dessa preocupação. Em algumas dessas sessões que somos convidados pelo Framil, trabalhamos, compartilhamos o que a gente vem fazendo dentro desse tema mais ambiental, mais sustentável. Agora, quando a gente vai para o lado de reconhecimento do mercado, tem Great Place to Work, que é super reconhecido, tem prêmios e reconhecimentos não só da empresa Accenture, tem o tema de uma boa empresa empregadora, tem o tema do reconhecimento para as mulheres trabalharem e poderem crescer, tem o tema da etnia, tem o tema das pessoas portadoras de deficiências, ou seja tem diferentes “tons de cinza” dentro desse tema de inclusão e diversidade, porque no final faz parte para que os jovens queiram trabalhar com a gente.

Uma das coisas interessantes que eu vi no estudo é que a importância dessa história da economia verde para os jovens brasileiros é muito maior do que Europa e Estados Unidos, para mim isso foi uma surpresa. Foi para vocês também?



O jovem brasileiro está sempre muito antenado e muito sensível à essas causas da nossa sociedade e o que a gente vive, pegando aqui momentos da nossa história desde a época de 92 e toda a discussão de impeachment, pega agora mais recentemente toda essa discussão ligada à corrupção e o jovem se engajando, então acho que não é de hoje que o jovem brasileiro tem um passo a mais do que talvez jovens de outras sociedades, essa visão mais antenada.

E indo para esse lado da economia verde, cada vez mais a gente vê a importância, o papel protagonista dentro do mundo em relação à esse tema do agronegócio, da pecuária, então quando você soma esse lado mais econômico, se não me engano algo em torno de 27% PIB brasileiro tem alguma influência direta e indiretamente em relação ao agro, isso tudo toca esse mundo mais sustentável. Fora a mídia, a Amazônia, o Pantanal que agora está em alta...

A pressão do mundo em cima da gente por causa da Amazônia talvez dê um senso de responsabilidade. Agora eu não tenho dados para saber sobre isso, mas... vocês tem filhos?

Sim, tenho duas meninas de 18 e 15 anos.

Eu tenho 3, uma de 20, um de 15 e uma de 12.

Legal, eu tenho uma de 16 anos. É impressionante como eles são mais conscientes, de maneira geral. Eu lembro quando tinha essa idade... eu era um idiota (risos). É impressionante como eles estão mais antenados em assuntos de diversidade, preconceito, questão política...

A minha filha maior, a Bianca, falou: "eu quero ser vegetariana, por opção, porque entendo toda essa preocupação, olhando para o futuro" e isso impacta positivamente toda nossa família, quando você pega a churrasqueira vê a quantidade de legumes e cogumelos e todo mundo vai no embalo, a minha pequena, minha esposa...

Essa estatística também me surpreendeu, são 88% no Brasil comparado a 46, 47% por cento na Europa e nos Estados Unidos de jovens querendo entrar nos próximos 10 anos na economia verde. Eu dei uma pesquisada e eu encontrei duas outras pesquisas mostrando que o brasileiro de forma geral, não só o jovem, está bastante preocupado, várias pesquisas mostrando essa diferença de que o brasileiro é bastante preocupado com o assunto em geral e eu acho que essa é uma parte da explicação. A outra parte da explicação eu vejo como você vê, a gente no Brasil cresceu e mais ainda nos últimos 10, 15 anos nossos filhos cresceram sob essa repetição diária Amazônia queimada, problemas de devastação... então eu viajei aos Estados Unidos alguns anos atrás e eu lembro até hoje de uma reunião que eu tive com uma pessoa que começou a me questionar: "vocês não estão cuidando", então a gente sente uma certa responsabilidade e acho que isso contribui pouco para esse número.

No caso dos nossos filhos, tem esse efeito por eles estarem com uma educação bacana, que está trazendo esses desafios muito mais do que a gente estava na escola e isso está aumentando a consciência dessa geração.

Você tinha citado a ONU por exemplo, tem os ODS da ONU, os objetivos de desenvolvimento sustentável, hoje todas as escolas estão usando isso, então não é só letramento digital tem toda a questão de sustentabilidade.

Agora tem um tem uma coisa aqui que assim, o guarda-chuva desse podcast aqui acaba sendo inovação de uma maneira geral, tem cientista, tem gente de tecnologia, tem artista para falar de criatividade, mas o guarda-chuva é a inovação. Um dos assuntos que é recorrente aqui é

meio que entender qual que é o papel do Brasil, porque não dá para a gente concorrer ou achar que a gente vai conseguir concorrer com alguns países em alguns assuntos, não é? Não dá para eu, por exemplo, dentro de inteligência artificial querer concorrer com os Estados Unidos em todas as frentes, então, quer dizer, quais são os problemas que a gente vai querer resolver aqui? E na minha cabeça, cada dia que passa fica mais claro que essa direção, esse norte do Brasil, tem relação com sustentabilidade. Primeiro que é natural da gente, por mais que a gente tenha problemas com Amazônia, se for olhar quem quem preservou mais, “deu” o Brasil muito mais do que os outros países do mundo. E a gente tem ainda uma boa parte que pode usar para pesquisa, para a ciência, enfim... eu acho que isso também é uma questão que de repente as empresas podem olhar com mais carinho, não é?

Exato, então, eu acho que quando você fala de tecnologia e como isso se conecta eu vou da ponta mais extrema que é o consumidor, então você comenta da empresa, mas o consumidor tendo essa consciência fala: “poxa, será que esse chocolate que eu estou consumindo foi produzido corretamente?”, área desmatada, trabalho infantil, escravo, da onde que foi feito, e quando você vai para a indústria de chocolate e pensa “poxa, tem uma pressão do consumidor, eu vou comprar de um produtor que tem toda essa inteligência, possibilidade de mostrar que aquele cacau foi produzido de maneira correta indo até o momento da semente. Então a tecnologia permite - aí tem n tecnologias, só para citar o blockchain como um exemplo - de você conseguir fazer esse rastreio da ponta do momento que você vai consumir o chocolate e saber da onde que veio, de uma plantação no sul da Bahia...

Acho que esse esse exemplo que você deu é perfeito porque, assim, a gente sempre tem comida aqui de produtores artesanais, pequenos restaurantes. E a gente recebeu aqui uma menina da Mission Chocolate, que é um chocolate fantástico feito aqui no Brasil, eles fazem “bean to bar”, que é o negócio do grão até chegar à barra e a gente sabe hoje que o cacau tem um problema no mundo e pode acabar. O que você está falando, por exemplo, é uma Nestlé de repente ter o mesmo caminho de atuação que ela tem hoje com a Nespresso, de olhar para café, de repente abriu uma linha desse tipo com chocolate. Agora, ela pode começar isso no Brasil e ir para o mundo, porque isso faz sentido no mundo inteiro.

Sim, e isso já está acontecendo. Quando a gente pega os principais produtores, a Nestlé, a Mondelez, todos têm essa preocupação...

Sim, como eles fazem com a Nespresso, podemos achar defeitos e qualidades, mas eles têm um caminho diferente da Nespresso que eles que eles seguiram e o sucesso que é hoje, é incomparável do ponto de vista de negócio. O valor agregado que eles têm, o que eles cobram por grama de café, acho que prova o que você falou.

Nessa área de de inovação, a tendência é investir onde a gente tem um diferencial. Então, acho que esse exemplo do Fan é perfeito porque, assim, tudo o que for - por exemplo – o mundo agre: a rastreabilidade da carne e desses recursos naturais que a gente tem, né, e aquilo relacionado à sustentabilidade dos produtos que a gente exporta, a tendência é que a gente tenha provavelmente investimento nessas áreas. E eu acho que o outro exemplo, a gente tem uma matriz energética mais verde e o mercado já está olhando o Brasil como potencial fornecedor de produto com uma pegada de carbono mais baixa, por causa desse potencial que a gente tem, então, tem uma tendência aí de ter inovação provavelmente nessa nesse lado [...]

Agora, a gente chegou a comentar um pouquinho sobre esse paradoxo de salário, e a gente tem muita gente sem emprego no Brasil, tem uma alta taxa de desemprego e tem muita



empresa hoje que não consegue contratar. E ao mesmo tempo na pesquisa mostrou aqui que, ainda que tenha uma preocupação muito grande com essa história de verde, o salário ainda é o principal. Como desatar esse nó? Eu queria entender um pouquinho da leitura de vocês, o que isso traz para a gente? O que vale a pena para uma grande corporação hoje ou para uma pequena empresa? Como olhar para isso? E até um pouco além, qual é o papel desses caras nesses próximos anos? Porque a gente não está vendo a coisa melhorar.

É, eu acho que aqui uma primeira reflexão, e obviamente não existe uma única resposta, eu acho que passa pela capacidade das empresas poderem além de ter um salário, um pagamento justo, mas a capacidade de poder desenvolver os profissionais com treinamento e capacitação. Esse profissional vai tendo a “curiosidade” e aprendendo novos skills, se transformando ao longo do tempo. Então, acho que esse lado de poder ajudar o profissional a sempre se reciclar vai ser um diferencial considerável para as empresas poderem atrair e reter, porque eu acho que tem um tema e tem n pesquisas que demonstram o custo de você perder um profissional capacitado, ter que desenvolver um profissional do zero, a gente dá muito treinamento no nosso dia a dia para os nossos jovens colaboradores, porque a gente entende que a carreira, o aprendizado, é meio uma lógica de maratona, ou seja, tem muitos profissionais que ficam 12 meses e saem ou não criam esse laço.

Eu vejo assim, a economia verde como parte da solução e não parte do problema. O que tende a reduzir tanto o salário quanto o emprego são aquelas funções mais automatizáveis. A inovação tem esse efeito há alguns séculos, então, vem uma inovação nova e a médio, longo prazo ela gera empregos, gera riqueza, certo? Mas no curto prazo você tem algumas pessoas que sofrem com o deslocamento de emprego ou porque perdem o emprego ou porque aquela função tem tanta oferta no entorno dela que o salário é baixo.

Então, assim, a economia verde ela vem como solução, não vai ser a única, mas parte dela porque é um mercado novo que requer conhecimentos novos, que a pessoa tenha um treinamento e aí acho que a parte do desatar o nó está no estudo também, tem um gráfico no estudo que mostra a disposição que diferentes jovens de diferentes países têm de se desenvolverem nesse mercado do dia a dia, e o Brasil fica bem nesse ranking. No Brasil, se não me falha a memória, mais de 70% dos jovens quando perguntados “você acha que você vai ter que se desenvolver nessa área para trabalhar nesse mercado?”, eles dizem “sim, estou disposto”. Você compara isso com os Estados Unidos e Europa, os jovens que estão dispostos a se desenvolver para entrar nesse mercado é menor, é de 45 a 60%. Então, é o seguinte, você precisa se desenvolver e não adianta [que] não vai vir de graça e você se desenvolvendo, como jovem, se desenvolvendo nessa área você vai ter oportunidades. Quanto mais você se desenvolver e tiver uma especialização a tendência é que você terá um salário maior.

Acho que parte de uma lógica muito básica, se a gente não evoluir nesse tema não vai ter mundo, não é? Então, se esse jovem tiver algum futuro vai ser na economia verde, vai ter espaço na economia verde de alguma maneira.

Tem uma coisa que você falou aí que eu acho que é muito relevante, a gente fala muito de roubar o emprego com inteligência artificial, automatização e essa transição demora muito e hoje as coisas são muito rápidas, então, a gente já tem um caminho de economia verde, já seria um motivo para inclusive governos começarem a investir nesse tema como política de estado...

Mas a inovação sempre foi rápida, ela parece rápida para quem veio antes porque é uma coisa nova, então, sempre tem uma rapidez aí.



E se a gente olhar, vários mercados não estão necessariamente com muito mais emprego, eu acho que vão ter soluções também que vão vir que a humanidade vai encontrar outras, como reduzir uma semana de 5 dias úteis para 4 dias úteis, esse tipo de solução no longo prazo virá também junto, não é, o que vai ser ótimo, eu vejo com bons olhos. Mas a economia verde é parte da solução nesse sentido que você falou, ele já está aí, já tem demanda, então hoje está gerando emprego já, mas deve acelerar nos próximos anos.

E aí só adicionando, eu acho que além desse tema do papel do governo que você muito bem citou, acho que cada um de nós como empresa, como indivíduo, tem um papel nesse nesse contexto todo que está correlacionado com a economia verde. Então, só para citar 2,3 exemplos aqui, a gente Accenture tem todo um trabalho, e depois o Matthew pode entrar mais no detalhe, com o time da Gerando Falcões liderado pelo Edu, ou seja, como a gente pode apoiar inclusive pessoas mais vulneráveis de poder se desenvolver, inclusive capacitar conhecimentos que talvez não estivesse na mão para parte dessa população, então o exemplo da Gerando Falcões.

Tem um projeto muito legal de vocês, o Favela Beta, não tem?

Nós temos muitas ações nesse campo, o Favela Beta foi lançado recentemente e é uma ação para a gente atrair empresas para trabalharem juntas para a redução da pobreza, usando algumas tecnologias, conhecimentos e metodologias que foram sendo desenvolvidas nos últimos anos aí junto com o Gerando Falcões, o que é sensacional.

Acho que parte da solução da pobreza ela está justamente em a gente usar muito mais tecnologia daqui para frente. Então, um outro exemplo, a gente criou uma ferramenta - junto com uma ONG - que se chama 'Pertinho de Casa' que, por exemplo, durante a pandemia ela ajuda pequenas empresas a se conectarem com o e-commerce, aquelas pequenas empresas que não têm acesso, ali ele tem acesso à uma solução simples de comércio usando o WhatsApp e outras soluções para facilitar.

E eu acho que quando eu comento da questão de que cada indivíduo tem um papel, e até acelerado pelas empresas, o nosso time e cada um de nós colaboradores da Accenture, a gente é estimulado a também poder devolver parte disso para a sociedade. Tem uma iniciativa com a 'Junior Achievement' que a gente doa parte do nosso tempo para falar sobre emprego, sobre como utilizar melhor o dinheiro, empréstimo e toda essa questão porque a gente entende que esse tempo precioso se um jovem entender e tal poxa a gente já está podendo contribuir com a sociedade e contribuir com toda essa economia direta ou indiretamente verde.

A gente falou de estado, a gente falou de empresa, a gente falou de indivíduo, e o papel da educação nessa história? Porque a gente vai precisar investir muito em educação para isso.

Sem dúvida, tem vários aspectos da educação. Uma parte da pesquisa inclusive mostra um pouco quais as camadas mais especializadas, que vão requerer uma educação mais especializada no mais alto nível, que é cerca de 4% dos empregos.

A gente está falando aqui de um engenheiro agrônomo, por exemplo?

Exato, e tem os médios, que são cerca de 60% e estão em um nível técnico.

Seria por exemplo o cara que vai instalar a rede solar nas casas ou nos shoppings?



Certamente, ou assim também que vai instalar uma solução eólica, não precisa ser necessariamente nas casas, pode ser uma coisa um pouco mais sofisticada inclusive, mas que não precisa necessariamente de um engenheiro lá. E o restante que vai dar 35, 36% nos níveis mais braçais, então a gente precisa na verdade de um desenvolvimento especialmente no nível médio, então a educação tem muito a evoluir aí nesse nível técnico e médio que a gente falou para suprir essa demanda que nós vamos ter, então a gente vê alguns mercados como a Alemanha por exemplo muito mais desenvolvida nessa camada aí de técnica intermediária. Então a gente tem aí muito espaço para avançar nesse lado, e acho que assim, hoje a gente tem a boa notícia que a gente de alguns anos para cá vem melhorando, tem várias ONGs trabalhando bastante nessa frente, a fundação Lemann, a Airton Senna e outros mais que tem tido um impacto super bacana no nosso currículo, em como a educação está no país, então eu acho que a gente está avançando aí, mas obviamente temos muito a melhorar.

Legal, agora quero voltar para a empresa, porque assim o gap que a gente tem de educação é muito grande no Brasil e mesmo que a gente comece a investir direito vai demorar muito tempo para ter resultado nessa história, então não tem como escapar, as empresas vão ter que botar a mão na massa nisso. Eu tenho falado há algum tempo que as empresas vão precisar começar formar a gente - uma brincadeira com a gíria de games e tudo - mas a gente começa a ver um movimento em algumas empresas de formar gente mais ainda muito com o pensamento no próprio umbigo: "ah eu estou formando um cara que depois eu vou contratar", eu acho que não vai fechar essa conta eu acho que as empresas vão ter que assumir uma parte do papel do estado, infelizmente no Brasil, e vão ter que começar a formar gente para outras empresas.

E isso até só para pegar exemplo dentro de casa, a gente Accenture junto com outras empresas, inclusive de tecnologia e não tecnologia, trabalhando para de uma maneira ampla formar profissionais com conhecimento de programação, com conhecimentos de tecnologia, robótica, porque esses profissionais, óbvio, parte desse grupo vai vir e vão ser recursos e pessoas valiosas para as empresas parceiras, mas com certeza um volume, um contingente importante disso para o mercado, então acho que tem esse tema num papel mais dos jovens até muito ligado com a pesquisa que a gente montou, mas quando a gente olha essa capacitação de tecnologia de novas competências para o público 50+, então acho que essa é uma outra vertente que inclusive cria uma ressignificação do trabalho para eles, que talvez quando eles estavam ativamente econômicos há 20, 30 anos, o tema mudou. Então, acho que esse olhar tanto dos jovens quanto dos 50+ são igualmente importantes para a sociedade como um todo.

Acho que vale citar um exemplo aqui que cabe bem no que você falou, que é: a gente tem essa iniciativa que eu comentei essa causa de geração de emprego e renda, mas nós somos uma empresa hoje no Brasil de 20.000 funcionários, então nós contratamos muita gente, especialmente em tecnologia e serviços. E tem assim um overlap aí de interesses no sentido de que a gente está formando tanta gente, ajudando tantas pessoas a conseguir emprego. E uma parte disso a gente tem que nós mesmos contratarmos. Então, a gente já está acho que na terceira ou quarta rodada de um programa que a gente chama de "Programa Start" que a gente forma um monte de gente, centenas de jovens em vários assuntos assim de programação, também tem vários cursos de serviços de BPO, serviços relacionados a finanças e outros temas, e a gente forma pessoas para o mercado, não é para Accenture e alguns a gente contrata. A gente fez isso em vários municípios do vários municípios brasileiros, Recife é um exemplo grande, e o número de pessoas que a gente contrata desse programa é de 2 a 4%,



o resto a gente treina para o mercado, então essas pessoas vão e trabalham em outras empresas, muitas vezes empresas parceiras nossas e tal. E aí depois de fazer isso, a gente começou a dar esse conhecimento, esse conteúdo inclusive para alguns clientes nossos fazerem programas similares no mercado, então é um programa legal que a gente tem feito. Outro exemplo de um programa que a gente fez desse Start em conjunto com a Gerdau, justamente nessa linha, a gente ajudando com a parte do conteúdo e da plataforma para esse programa. Mas eu concordo com você 100%, não dá pra gente ficar esperando o estado resolver.

Até porque justo ou não, não vai rolar, não na velocidade que a gente precisa.

Não consegue, não é? Especialmente esses assuntos de tecnologia e inovação, se a gente não estiver formando as pessoas, também não vai aparecer mais.

[...]

O Matthew bem comentou que a gente tem próximo de 20.000 funcionários e ainda assim a gente tem mais de 1.200 vagas abertas hoje para a demanda que a gente tem, e claramente cada um dos jovens das diferentes áreas se capacitar, conhecer a empresa e poder aí nas redes sociais, no próprio LinkedIn, Instagram e tal, a gente tem a divulgação das nossas vagas.

Legal, eu tenho um quadro no podcast aqui que eu joga dois nomes e aí o convidado escolhe um nome, se quiser explica porque ou não, tá? Eu vou jogar para vocês aqui? Greta Thunberg ou Elon Musk?

Elon Musk. Por que eu o escolhi? Eu acho que assim, ele é inovação, certo? Acho que a Tesla é inspiradora, de veículos elétricos, é um caso super bacana que está buscando a sustentabilidade,

E forçando a mudança de matriz, não é?

É claro que tem assim, “há mas e você vai usar o produto que você vai usar na bateria que depois não vai ter como jogar fora”...

É, não é perfeito, mas eles também têm feito um monte de inovação na bateria, diminuiu colbato, enfim, bastante coisa legal.

E o ponto é que você não vai ter uma solução, você não vai mudar o mundo num estalar de dedos para um mundo mais sustentável, você vai ter que avançar e o que o Elon Musk que está fazendo é avançar nesse sentido, nessa direção.

Além do tema dos carros da Tesla que o Matthew bem comentou, acho que tem duas iniciativas, nessa linha de dar o primeiro passo, acho que tem toda essa questão de telhas e capacidade de capturar energia solar, transformar a energia que inclusive vai carregar os carros, então acho que esse lado da matriz energética e criar tecnologia para “democratizar” o uso da energia solar nas residências para carregar. E tem um outro tema que é o Starklink que é o tema dos satélites para você compartilhar dados, então quando você pega regiões mais distantes dos grandes centros rural e tal, o papel, a possibilidade, a transformação que o acesso à internet permite para os novos jovens para as escolas é um negócio que talvez as empresas e toda a infraestrutura para levar isso para regiões do Brasil e a dimensão continental que a gente tem, eu acho que quando junta, eu acho que tem temas no saldo final mais positivo.



Mesmo nas baterias tem uma iniciativa que pouca gente fala que são esses datacenters de bateria que ele está montando em alguns países, como por exemplo a Austrália, porque tem um baita problema hoje que a nossa energia é consumida em tempo real. Isso para esse tema, ver isso é complicado, se você estiver que, por exemplo, conseguir manter uma parte dessa dessa energia por 24 horas isso já muda tudo. Então acho que tem alguns caminhos que ele está tomando ali que podem ter impacto grande e pouca gente fala.

Agora assim, você pediu para escolher ou Elon ou Greta, mas vale falar dela também. Então, a Greta é admirável, ela botou a boca no trombone.

Sabe o que eu mais gosto? As pessoas incomodadas com ela.

Exato, e isso é super importante, é o que a gente tá falando ao longo desse podcast inteiro que é o jovem interessado em mudar o mundo. por isso que 88% dos jovens brasileiros querem trabalhar na economia verde. E a Greta o que ela quer fazer? Ela quer trabalhar no mundo verde. Então, precisa dessa provocação, a gente não pode ficar aí achando que vai ser automático essa mudança para o mundo sustentável, então tenho muita admiração.

É, apara as arestas, dá uma lapidada, mas os dois tem mensagens importantes cada um no seu no seu espaço.

Tem um ponto assim, eu vejo muita gente falando “ah, mas ela não faz nada”, mas o que ela está gerando de incômodo é parte necessária dessa transição porque se você não tem esse tipo de provocação, esse tipo de impulso, a coisa não anda também.

A Bianca, que é aluna da universidade de Santo Amaro, mandou uma pergunta aqui. A gente já conversou um pouco sobre isso, mas acho que ela queria que a gente fosse um pouco mais a fundo, vocês acham que as empresas adotam a economia verde pela preocupação com o meio ambiente ou principalmente por marketing?

E vou adicionar: faz diferença o por quê?

Bianca, excelente pergunta. Eu acho que assim, a maioria das empresas aqui tem vários fatores, mas vou citar dois. O primeiro, se é bom para gerar valor para todos os meus stakeholders: vou fazer. Hoje as empresas existem para gerar valor, existem para gerar valor para o stakeholder investidor, existem para gerar valor para a sociedade, existem para gerar valor para o funcionário, etc, então assim, se existe valor na economia verde, o executivo da empresa vai querer fazer porque isso vai gerar valor, inclusive o valor para o acionista que é retorno, lucro, dinheiro. Se fizer só pelo marketing, se o que ela está fazendo é autêntico é legítimo, não tem nada de errado de fazer o marketing.

Posso adicionar? É que tem uma diferença entre ‘fazer marketing’ ou ‘fazer pelo marketing’ tem iniciativas que você olha e pensa “isso é só marketing”.

É, mas acho que assim você pode fazer pelo marketing, mas se você fez tá ótimo, não tem nada errado e você buscar melhorar sua reputação, esse é o meu ponto. O errado está em você não fazer e você buscar alguma reputação em cima de uma coisa que você não fez, que é o greenwashing, certo? Então ou você exagerar em cima de alguma coisa que era muito pequena e você pegar e fingir que aquilo resolveu todos os males do mundo, é um outro tipo de greenwashing. Isso daí, então, esse “marketing” que é na verdade comunicar de forma não autêntica e não legítima o que você está fazendo, isso daí está errado, sem dúvida. A boa notícia é que é estão pegando cada dia que passa estão pegando mais. Semana retrasada teve



um caso na Europa em que o Defensoria Pública foi lá numa empresa para buscar documentos porque teve uma acusação de um ex-funcionário de que a empresa estava mentindo em relação a temas de ESG.

E o tema do marketing, eu acho que super bem colocado aí por vocês, é a questão da consistência, é a questão quando você falou da palavra legítimo, porque não adianta eu fingir de um lado e fazer do outro errado, ou seja, eu acho que o tema da consistência e acho que tem a questão também das redes sociais, a velocidade da comunicação e tal, isso tudo faz com que a informação... e aí o pessoal vai cair em cima para averiguar, para fazer alguma investigação, então não dá para fazer ou esconder porque em algum momento vai ser pego em algum momento, vão descobrir e vai ser pior. Então, fazer o greenwashing na linha do que o Matthew falou cada vez menos a gente vai ver.

Mas na percepção de vocês, hoje tem muito ainda?

Eu acho que melhorou, tá? Então se eu pego uns 3, 4 anos para cá, desde os temas mais triviais da embalagem, do conteúdo que está escrito, tem regulamentação agora, tem as empresas e instituições certificadoras, então acho que tem um ecossistema que não só as redes sociais, mas as pessoas, as instituições, eu acho que quando a gente soma isso faz com que as iniciativas das empresas para o bem sejam mais preponderantes do que o greenwashing.

Não precisa me dizer o nome se não quiser, mas se eu perguntasse para vocês nome de 3 empresas que estão bem nesse aspecto, vocês saberiam me dizer ou não? Que estão investindo na economia verde, que não faz greenwashing, que está em um caminho interessante, que está colocando suor e dinheiro nessa história, que está colocando os executivos de verdade nisso.

Eu vou falar as duas empresas de cervejas que a gente tem em grande volume, tanto Ambev quanto a Heineken, as duas tem uma série de iniciativas que estão tão legitimamente preocupados, então, quando a gente pega eles falando da origem da água, da energia e tudo mais, é sim um discurso correto, legítimo e real. Então, inclusive pegando algumas das plantas que a gente participa com trabalhos nossos, isso a gente vê no dia a dia e está no discurso também dos funcionários dessa importância toda.

Pegando o exemplo da Ambev, eu acho que é até interessante, porque na linha de produção da cerveja, tem subproduto e o subproduto não necessariamente você precisa originalmente pagar uma empresa para fazer a destinação desse subproduto e ter o rejeito aí corretamente. E quando a gente conversa com a turma da Ambev e fala poxa, mas então, aquele subproduto pode ser insumo para uma outra cadeia de valor, por exemplo, nutrição animal e feito as devidas adaptações e transformações, mas cria uma nova vida para aquele rejeito, para aquele subproduto. Então, acho que quando a gente soma exemplos dessas duas empresas é um passo importante aí em prol da economia verde.

Eu acho que assim, adicionando empresas de bens de consumo, a Unilever é um exemplo de empresa que fez vários compromissos globais de como que elas vão comprar produto até como elas vão embalar, que vai forçar um comportamento no mercado, então no momento que uma Unilever fala "eu vou usar só embalagem a partir de 2025" ela define esse padrão.

E não só isso, ela forma o ecossistema para que isso viabilize.



Exato, agora acho que assim, talvez esses casos de empresas que são os grandes donos de brands, elas estão se posicionando, tem que se posicionar, não é? Mas ela tem um lado dali de ter que se posicionar em função inclusive do brand. A gente tem que pensar na indústria de base também, naquelas empresas que estão fazendo um trabalho para irem nessa direção. Então algumas que eu citaria são Gerdau, fazendo um excelente trabalho aí de buscar as opções cada vez mais verdes, eles no uso de sucata no caso deles e de reciclagem altíssimo, um exemplo de economia circular, a BRK saneamento, por exemplo, empresas superativa nesse assunto, tem aí várias empresas. A Braskem, e indústria petroquímica é difícil porque ela produz plásticos que nós temos o nosso desafio de reciclagem de plástico que é baixa ainda por motivos técnicos, por motivos sociais, então tem uma dificuldade do plástico e tem dificuldade de emissões que é uma indústria, então se a gente procurar aqui nesse estúdio tem um monte de coisas de plástico, a gente ainda depende disso. Se a gente pensar na seringas que nos salvaram nessas últimos dois anos são de plástico. Então, assim, porque estou dizendo isso? é uma indústria difícil, mas ainda assim a gente vê algumas empresas atuando para mudar, participando e se comprometendo.

E tem uma lógica também de pensar e criar novas linhas e novos negócios que de alguma maneira fazem alguma compensação nesse sentido, então acho que tem iniciativas dentro dessas indústrias que o Mateus falou que é mais difícil petroquímica, mineração e tal.

Essa provocação é a pergunta que eu ia fazer para o Matthew, porque assim, no Brasil a gente tem uma boa parte das nossas empresas cujo produto não é sustentável por natureza, e aí eu queria entender como é que essas empresas fazem para entrar nesse eixo de economia verde quando o próprio insumo dele tem uma natureza que é não muito sustentável.

Se a gente pensar, não vai estar 100%. Então, tem um exemplo de emissões, se a gente olhar relatórios você nunca vai conseguir eliminar 100% das emissões, vai ter alguns casos onde você vai ter algumas emissões que você vai ter que compensar. Então, a gente tem que buscar um ciclo cada vez mais fechado, mas em alguns casos você vai ter que ter ações de compensação, certo? Ou você vai ter que ter tecnologias, tecnologia vai resolver parte deste problema. É óbvio que eu tenho que compensar, eu tenho que reduzir, tem que tentar chegar o mais próximo do zero, mas alguns casos eu vou ter uma emissão, e aí o que eu faço? Eu invento uma tecnologia nova que captura carbono. Então, parte da resposta vai ser avanço de tecnologia e a gente não tem essas respostas todas hoje e isso se aplica a essas indústrias, seja mineração, seja outros metais também.

Hoje, o exemplo de metais na nossa cadeia de metais, para você produzir aço você precisa extrair o oxigênio do minério de ferro e quando você extrai o oxigênio do minério de ferro você junta ele com o carbono e gera CO₂, e existem outras tecnologias, mas no mundo inteiro essa tecnologia é utilizada. Qual que é a solução de parte disso? É reciclar cada vez mais, mas é também a gente inventar uma tecnologia nova, que talvez não utilize o carbono para extrair esse oxigênio, existem soluções de hidrogênio aí em desenvolvimento, está um pouco longe, mas no longo prazo da humanidade, parte das soluções será através da tecnologia.

E quando a gente fala até pensando mais no curto prazo e nesse médio prazo, olhando a nossa matriz energética e os seus substitutos, quando a gente fala do próprio etanol da primeira, da segunda geração, é muita tecnologia envolvida inclusive para criar-se uma planta de etanol são investimentos de bilhões de reais para viabilizar essa tecnologia e ganhar escala, e tem todo o mundo do biodiesel, então quando a gente fala e a gente sabe a quantidade de caminhões



para levar insumos e produtos aí Brasil adentro, a quantidade de investimento e possibilidades do biodiesel cada vez mais sendo realidade, sabe?

Essa discussão, o estudo e tudo que a gente olha na mídia e tudo mais, acho que são temas que somam para esse nosso mundo melhor futuramente.

O Adailton da Silva Souza perguntou aqui: com a evolução das novas tecnologias, qual é o compromisso da Accenture com o futuro do trabalho?

Assim, qual é o nosso compromisso com o futuro do trabalho? De uma certa forma, a gente está no meio disso, a gente está gerando de uma certa forma ajudando e empurrando essa transformação tecnológica, nós somos parte dessa transformação como um agente transformador eu diria, certo? Então, gente encara isso como responsabilidade. Para nós, ajudar as pessoas que são impactadas pela tecnologia, que tem um deslocamento do seu trabalho, a gente encara isso como responsabilidade nossa. Na Europa e nos Estados Unidos, parte dessas pessoas que estão deslocadas nessa nova economia, nesse trabalho que está mudando, eles são talvez de gerações mais velhas, que não estão acostumados a trabalhar dessa forma nova, com tecnologia de forma colaborativa, nesse futuro do trabalho que a gente está chegando, talvez remoto e tal, eles não estão acostumados com isso, e muito do público que a gente treina e capacita na Europa e nos Estados Unidos inclusive é uma pessoa um pouquinho mais de camadas de idade mais velhas.

No Brasil a gente tem tantos jovens porque aqui nossa pirâmide é tão mais jovem, a gente acaba trabalhando e preparando os jovens para essas novas formas de trabalhar.

O interessante, e até faz parte do nosso posicionamento, é a questão da gente tirar o melhor da engenhosidade humana junto com a tecnologia para transformar nós mesmos e os nossos clientes, então, acho que a nossa natureza, da Accenture, do nosso dia a dia é ajudar a servir os nossos clientes para esse desenvolvimento também, utilizando tecnologia, utilizando as nossas pessoas e as pessoas do cliente, o time do cliente para esse progresso, então acho que responde aí a pergunta do Adailton para esse tema do nosso papel e nosso papel é até mais amplo, não é só para a nossa empresa, mas também para os nossos clientes.

No estudo mostrou que metade dos CEOs já estavam colocando como prioridade como a história da meta de sustentabilidade e tudo mais, acho que muito em cima do que a gente chama de agenda 2030, não é isso? Como a gente faz para acelerar isso ou isso já vai ser acelerado naturalmente?

Tem algumas formas. A forma como o Pacto Global (United Nations Global Compact) encontrou de tentar acelerar isso é de incentivar as empresas a fazerem compromissos públicos porque uma vez que ela faz um compromisso público ela fica amarrada a isso e de uma certa forma ela acelera, porque se a empresa não se comprometer publicamente ela pode ficar empurrando com a barriga, né, aí você tem uma desaceleração do assunto ou empurra até onde não der mais. A forma então como eles encararam isso foi dessa forma: “vamos colocar aqui os signatários que os signatários vão ter que fazer certos compromissos e esses compromissos inclusive vão ser públicos”, então, isso já existe há alguns anos e a gente inclusive ajuda o Globo Compact nisso, a gente está fazendo um programa que é o que chamamos de Aceleração das ODS, que são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que são os 17 objetivos dessa organização que chama-se Pacto Global que é parte das Nações Unidas, pra quem não conhece. Ela criou 17 objetivos de desenvolvimento sustentável e a gente está trabalhando justamente num programa de aceleração que é para acelerar, ajudar



as empresas a conseguirem fazer esses compromissos, a tomarem e a publicar esse compromisso.

Uma outra forma de acelerar é inovação, investimento em inovação, que acho que é talvez um dos temas que você gosta aqui no podcast, não é? A gente precisa acelerar algumas soluções, em especial relacionados a emissões, o tempo é muito curto para gente resolver, então, é preciso acelerar. Existem formas de incentivar isso com uma regulação, com imposto, com subsídio que a gente não está explorando aí nem no nível país, talvez não suficientemente inclusive a nível global.

Agora tem uma série de iniciativas e empresas que têm essa preocupação mais latente, tanto no tema aí do carbono, então, uma série de empresas inclusive a Accenture tem a expectativa de ser net zero em 2025, tem empresas em 2030, empresas em 2040. Quando a gente olha essa preocupação do net zero, inclusive muitas das empresas não têm todo o gabarito e toda a resposta, mas iniciativas, uma empresa conversando com a outra. A gente inclusive apoiando uma série dessas empresas e tem caminhos. Eu vou citar dois exemplos: o primeiro que é você poder olhar suas compras, as suas emissões e eventualmente criar um valor, um preço que a gente chama de 'shadowpricing' que é um valor virtual e fictício, mas que te ajuda a fazer tomadas de decisões: "a empresa A ou aquisição A tem esse valor e que tem um nível de carbonização X e uma outra empresa que eventualmente tem um valor um pouco acima do preço monetário, mas que tem um retorno para os temas de carbono melhor ou eventualmente outras empresas, inclusive Accenture segue esse caminho, de precificar e criar um fim interno para ajudar a gente a tomar decisões melhores, inclusive reinvestir para que a gente utilize isso para o bem aí do net zero. Então, tem tem alguns caminhos, mas eu acho que as empresas estão indo para essa direção positiva.

Muito do que a gente fala tem a ver com ESG, né, que é um tema que está muito forte e eu vejo que isso tudo é uma transição, não dá pra gente fazer uma pergunta do tipo "as empresas estão preparadas ou não" acho que é muito genérico, é difícil, por exemplo, no digital "as empresas estão preparadas?" Hoje uma grande parte já entende e tudo mais, mas tem gente atrasado da empresa que ainda não se adaptou, a pandemia deu uma acelerada, enfim.

Mas eu queria entender se no ponto de vista de ESG, vocês acham que a maior parte das empresas já sabem o que estão fazendo ou ainda estão perdidas?

Eu acho que o tema do entendimento, essa preocupação acho que cada vez mais os CEOs, inclusive na pesquisa indica isso, já estão com a preocupação, então acho que a questão é como se fosse um funil "eu já tenho a preocupação, vou considerar, eu vou mudar, eu vou agir" e tal, então acho que é quase que uma lógica evolutiva. O fato de as empresas começarem a falar já é um grande avanço.

Mas esse é o primeiro passo. A minha dúvida é: são poucas, não é? Mas antes até do que estar preparada, uma coisa é saber que precisa, a outra coisa é "tomei a decisão, nós vamos ter que investir nisso", a outra é ter um plano para isso.

Ter um plano depende. Você pode ter um plano de duas páginas, um plano realmente detalhado, e na prática poucas tem um plano realmente detalhado o que é necessário para fazer isso acontecer. Poucas estão mudando os seus processos para que elas sejam mais sustentáveis, na tomada de decisão e governança mudando critérios para tomar decisões ou seja de investimento ou seja de preços e que reflitam, são poucas. Tem algumas pesquisas mostrando que a maioria das empresas estão cientes na verdade de que falta muito. Agora, o



bom é que os compromissos que são tomados publicamente elas vão ter que virar planos e as empresas estão percebendo que elas vão precisar mudar, então acho que chegaremos lá nos próximos anos.

Falamos muito de empresa grande aqui, a gente deveria estar falando das médias e pequenas também ou não? O cara que tá escutando a gente, o cara que tem uma pequena empresa ou uma média empresa, ele também devia estar nessa?

A minha dúvida é: esta média e pequena empresa também será impactada? Esses caras também? Porque assim, o que é óbvio para a gente é que essas grandes empresas vão ter que se mexer e muito rápido.

Tem uma diferença, sim, porque as empresas grandes estão muito na vitrine em muitos casos, então elas têm esse telhado de vidro, não é? Então, tem esse lado onde tem uma pressão maior para que certas empresas de grande marcas façam mudanças e eu acho que assim, isso tende a filtrar para baixo, eventualmente a sociedade vai ficar exigir, como está exigindo das grandes marcas, vai exigir de menores, e eu acho que tem outros aspectos que não é só o consumidor que está fazendo essa pressão, pois a pressão vem, por exemplo, regulatória. A regulação que saiu o decreto presidencial que saiu de semana retrasada não faz distinção de tamanho de empresa, certo? Você pode ser qualquer tamanho, se você tiver com as emissões fora da meta, você vai ter um problema. Médias empresas, por exemplo, as médias empresas onde tem uma private equity...

É, a gente tem visto uma migração forte nesse aspecto.

Sim, e isso não deixa de ser uma pressão do investidor, se o pequeno, médio, não tiver com boas práticas de ESG não vai receber investimento ou vai ter um investimento mais caro, isso acaba se refletindo no risco da empresa. Se ela não estiver desempenhando bem ela vai acabar sendo um risco maior comparado aos seus pares e esse risco maior ele reflete em custo de capital, reflete em quanto que vai custar para aquela empresa tomar dinheiro emprestado, então as pressões não são só do consumidor. Apesar de que eu acho que a pressão do consumidor vai passar para essas empresas médias e pequenas rapidamente também, acho que tem muito é hoje analytics que está sendo utilizado a favor da sustentabilidade, muitas ONGs inclusive usando analytics para demonstrar quem está mentindo, quem está fazendo greenwashing, quem não está com o produto compliance, então esse tipo de analytics vai pegar qualquer tamanho de empresa.

Hoje você tratar um dado a mais, um dado a menos, vai fazer diferença nenhuma.

Eu tenho uma pergunta aqui que a gente falou muito de partidária da atuação da Accenture e do projeto de vocês da Accenture, mas o que é a Accenture? O que a Accenture faz no geral?

A Accenture é uma empresa de consultoria, uma empresa que tem o propósito de ajudar outras empresas a prosperar, isso eu sei que está um pouco genérico ainda, e quando a gente olha o desenvolvimento das empresas ela pode melhorar e desenvolver em temas como o lado da tecnologia, a forma que ela vai criar os canais e as experiências dela para os consumidores dos nossos clientes, então, os clientes dos clientes, tem um tema dentro do trabalho, então nesse mundo de serviços profissionais, um tema ligado à apoiar os nossos clientes em realizar trabalhos que eventualmente não sejam o core, então acho que quando a gente junta uma organização de mais de 700.000 funcionários, então acho que nessa linha o nosso papel é ajudar clientes a se desenvolverem com tecnologia, com comunicação, com consultoria.



Vocês são líderes hoje em nuvem, digital, sustentabilidade... Mas o ponto é: quando você fala de consultoria eu tenho a sensação de que era a Accenture lá atrás, hoje vocês são muito mais do que isso, não é?

A gente é uma empresa que junta isso tudo que você falou agora e fazemos grandes deals que juntam esses componentes todos, com responsabilidade e sustentabilidade. Ao nosso ver, a sustentabilidade não está só no componente do que a gente faz o impacto social que ele falou, nos serviços de sustentabilidade, é também inserir sustentabilidade em tudo o que a gente faz, então, se a gente faz um projeto de cloud, que na verdade reduz consumo de energia elétrica e a depender de onde está pegando sua energia tem uma redução de emissões, aí esse é um exemplo. Mas tem muito mais do que isso, todo projeto nosso tem que ser feito com responsabilidade. Então, tem tantos projetos nossos já atuando de forma responsável, isso daí é sustentabilidade, a gente encara dessa forma.

Talvez para sintetizar em uma palavra o que a gente faz, a gente faz transformação. Então, a gente ajuda os nossos clientes a se transformarem numa visão fim a fim, do momento do desenho, do impacto do Business Case, até a gente ajudar o cliente a operar inclusive compartilhando o risco, compartilhando ganho, sendo inclusive parceiros, sócio do nosso cliente em muitos aspectos, então acho que essa transformação fim a fim aí é um pouco do que a gente se propõe para o mercado.

Quero fazer uma última pergunta para vocês. A gente falou muito sobre emprego, dá para dizer que sustentabilidade é o novo digital ou não?

Com certeza. Não é igual, mas dá para dizer que é a próxima onda. A gente teve uma onda de alguns anos atrás de transformação digital, sei lá, uns 15 anos atrás falamos “toda a empresa será que será uma empresa digital” e hoje não tem dúvidas. Como você falou, talvez nem todos sejam puramente digitais, mas todos estão em algum ponto dessa transformação. Sustentabilidade a mesma coisa, todas precisarão buscar a sustentabilidade. Talvez a diferença é que a gente tem que usar com responsabilidade essa frase. Não pode ser dita dessa forma assim “light” porque se você pegou e botou 50% digital, acho que eu sou digital. Na sustentabilidade você é 50% sustentável, você sustentável? É mais difícil.

Então a gente precisa que todas as empresas terão que embarcar nessa busca da sustentabilidade? Sim, não há dúvidas. Quem não estiver embarcado nessa busca da sustentabilidade, não estiver atuando de forma sustentável para chegar lá para buscar esse mundo mais sustentável, não vai ser competitivo, não vai ser competitivo porque não vai conseguir entregar o que o consumidor quer, não vai conseguir entregar o que o investidor quer, não vai conseguir entregar o que é a comunidade global quer e não vai conseguir entregar o que o regulador quer.

Para complementar, eu acho que tem o alcance desse impacto, então quando a gente fala “a empresa vai para esse mundo mais digital” e tudo mais, ela diretamente está mudando um pouco do canal, apoiando, dando conveniência para o cliente, para o colaborador. Então, ele tem um aspecto talvez de um alcance, e eu vou chamar de limitado, dentro do dia a dia daquela empresa. Quando a gente fala dessa visão mais sustentável, o impacto é não só para a empresa, para os clientes dela, para a sociedade, para as futuras gerações. Então, essa responsabilidade, usar esse pensamento de uma maneira correta cria esse lado mais exponencial da transformação, não é só a transformação da sua empresa, do seu dia a dia.